



revista cristã
última chamada



**Nem Direita
Nem Esquerda
Nem Centro
Somente
o Reino de Deus!**

César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

[www.
revistacrista
.org](http://www.revistacrista.org)

**Nem Direita
Nem Esquerda
Nem Centro
Somente
o Reino de Deus!**

Somente o Reino de Deus!

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Nem Direita, Nem Esquerda e Nem Centro Somente o Reino de Deus!

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem de ha11ok por Pixabay.com)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Agosto de 2025

Índice

Sobre o Autor	07
Introdução	
- A Influência das Rotulagens na Política e na Teologia	08
- Direita, Esquerda, Centro e a Neutralidade Cristã	09
Capítulo 1	
Nem de Direita! O que é a Direita na Política?	10
- O que é a Direita na Bíblia?	12
Capítulo 2	
Nem de Esquerda! O que é a Esquerda na Política?	14
- O que é a Esquerda na Bíblia?	17
Capítulo 3	
Nem de Centro! O que é o Centro na Política?	20
- O que é o Centro na Bíblia?	21
Capítulo 4	
Não Existe Neutralidade Partidária na Política?	23
- Meu Reino não é Deste Mundo: Cristãos Podem se Envolver com Política?	24
- Cristãos que Atuam na Política podem Legislar Baseados na Bíblia?	29
- Ao se Candidatar para um Cargo Público Procure pelo Contraditório	33
Capítulo 5	
Somente o Reino de Deus!	34
- Os Vários Partidos da Época de Jesus	35
- Qual Era o Partido de Jesus?	37
Conclusão	
Minha Posição Pessoal	40
Obras importantes para pesquisa...	42

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a **teoria da Escatologia Concreta**, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o **Conceito de História Interrompida** que pode ser encontrado em seu e-book intitulado **História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo**.

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**, além de ser autor do primeiro **Dicionário de Escatologia do Preterismo** e da primeira **Bíblia de Estudo Preterista Parcial** do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Introdução

A Influência das Rotulagens na Política e na Teologia

Nos dias de hoje, é bastante comum as pessoas serem rotuladas quando se trata de política ou teologia. Se alguém diz que não se identifica nem com a Direita nem com a Esquerda, rapidamente será rotulado como esquerdista pelos que se alinham com a Direita. Na teologia, a situação é similar: ao afirmar que não é arminiano nem calvinista, logo será tachado de arminiano pelos calvinistas.

É verdade que, em muitos casos, há um fundo de verdade nessas rotulagens. De fato, muitas vezes, aqueles que não se posicionam claramente acabam tendendo para um dos lados, como nos exemplos citados. No entanto, neste e-book, quero mostrar que é completamente possível não se identificar com nenhum dos lados sem ser neutro, e sem abrir mão de uma posição genuína. O leitor ficará surpreso ao perceber que, na verdade, tudo se resume a uma questão de linguagem — uma única palavra pode esclarecer tudo: alinhamento ou afinidade.

É possível não hastear uma bandeira para nenhum grupo, sem que isso signifique neutralidade. O que você aprenderá aqui ajudará a lidar com outras rotulagens que surgem também dentro do contexto cristão.

Direita, Esquerda, Centro e a Neutralidade Cristã

Neste e-book, explorarei um pouco sobre o que representam as ideologias da Direita, da Esquerda e do Centro, além dos detalhes que envolvem essas correntes de pensamento. Também discutirei a questão da neutralidade e como ela se relaciona com o comportamento cristão diante da política. A proposta é mostrar como o cristão pode se posicionar no mundo, sem se render a uma etiqueta simplista, adotando uma postura ativa que reflete os ensinamentos de Cristo.

Falarei, ainda, sobre como Jesus é o nosso maior exemplo nesse contexto. Sua postura diante das rotulagens da época e Sua habilidade em se relacionar com diferentes grupos, sem se afiliar a nenhum, é algo que podemos aprender.

Por fim, seguindo o exemplo de Cristo, discutirei a importância de ser somente do Reino de Deus. Isso não significa adotar uma postura de total isolamento ou indiferente ao mundo. Pelo contrário, veremos como a verdadeira lealdade ao Reino de Deus nos liberta de uma falsa neutralidade, e refutaremos a ideia de que essa postura seja equivalente ao escapismo cristão — como o pietismo ou a atitude de cruzar os braços diante das questões do mundo, aguardando um arrebatamento secreto.

Gostaria de lembrar ao leitor que o que compartilho e ensino neste e-book reflete minha postura pessoal em relação ao mundo. Acredito estar no caminho certo, conforme os ensinamentos da Bíblia.

Capítulo 1

Nem de Direita!

O que é a Direita na Política?

Ser de Direita é, de forma simplificada, adotar uma visão política que valoriza a ordem social, a estabilidade e a preservação das instituições tradicionais, como a família, a religião e a propriedade privada. Esse posicionamento tende a apoiar políticas econômicas liberais, que defendem o livre mercado e a mínima intervenção do Estado na economia, ao mesmo tempo que busca um papel mais conservador no comportamento social e cultural.

O termo “Direita” surgiu durante a Revolução Francesa (1789), quando, na Assembleia Nacional, os deputados que eram favoráveis à monarquia e à ordem estabelecida se sentavam à direita do presidente da Assembleia, enquanto os que defendiam reformas mais radicais e a mudança social se sentavam à esquerda. Desde então, a ideia de “esquerda” e “direita” se espalhou e passou a representar duas grandes correntes de pensamento político e social.¹

¹ Referências bibliográficas:

CANAVESI, Marco. A Revolução Francesa: História e Legado. Editora XYZ, 2015.

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: O Breve Século XX*. Companhia das Letras, 1995.

Apesar de ter um grande alinhamento ou afinidade com a maioria das pautas da Direita, não me considero e nem sou um militante de Direita por que, como aponto os erros da Esquerda, também reconheço que a Direita tem muitos defeitos que não posso ignorar. Uma coisa que me incomoda bastante é quando vejo gente tratando o capitalismo como se fosse sagrado. Eu acredito no valor do trabalho, no mérito e na liberdade econômica, mas tem hora que o lucro vira um ídolo. Parece que quem é rico é automaticamente abençoado e quem é pobre é preguiçoso — o que é totalmente contrário ao que a Bíblia ensina.

Também me preocupa a frieza com questões sociais. Tem muita gente que se diz cristã, mas zomba da pobreza, ignora injustiças e trata assuntos sérios como desigualdade e racismo como se fossem apenas “vitimismo”. Mas eu creio que o Evangelho me chama a olhar para o sofrimento do outro com compaixão e responsabilidade.

Outro ponto que critico é o nacionalismo exagerado. Eu amo o meu país, mas isso não me dá o direito de desprezar imigrantes ou agir com superioridade. O amor ao próximo não tem fronteiras.

Vejo também muitos cristãos apoiando políticos da Direita de forma totalmente acrítica. Só porque o sujeito fala de Deus ou defende pautas conservadoras, já acham que está tudo certo. Mas não está. Corrupção, arrogância e mau testemunho precisam ser denunciados, venha de onde vier.

E tem mais: o modo como algumas pessoas da Direita se comunicam. É muito comum ver agressividade, zombaria e falta de respeito com quem pensa diferente. Isso fere o espírito do Evangelho. Falar a verdade não nos dá licença para tratar os outros com ódio.

Por fim, o desprezo por pautas ambientais também me preocupa. Cuidar da criação não é ideologia — é mandamento bíblico. Deus

nos confiou essa Terra, e não podemos tratá-la com irresponsabilidade.

Enfim, não sigo ideologia cega. Avalio os frutos. E onde vejo frutos ruins, seja na Direita ou na Esquerda, eu denuncio. Meu compromisso é com a verdade da Palavra de Deus, não com rótulos políticos.

O que é a Direita na Bíblia?

Para justificar a Direita, muitos tentam procurar na Bíblia a sua legitimidade. Na Bíblia, a palavra “direita” tem um significado simbólico, e não necessariamente político, como entendemos hoje. No contexto bíblico, “direita” é frequentemente associada à posição de honra, poder e favor Divino. A mão direita, por exemplo, é vista como a mão que executa ações de autoridade e força. No Antigo e Novo Testamento, a “mão direita” de Deus é mencionada como um símbolo de poder e proteção.

Um exemplo claro disso está em passagens como Mateus 25:33-34, onde Jesus fala sobre a separação entre as ovelhas e os bodes no julgamento final. Ele diz:

“E colocará as ovelhas à sua direita, mas os bodes à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai, herdei o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo'”.

Aqui, a “direita” é a posição de favor, enquanto a “esquerda” simboliza o oposto, a reprovação. A direita é, portanto, associada ao bem, à bênção e à salvação.

Na tradição cristã, a ideia de que Cristo se senta “à direita de Deus Pai” (como afirmado no Credo Niceno) reforça essa associação, indicando um lugar de supremacia e autoridade.

Assim, na Bíblia, a “direita” tem um caráter de privilégio e poder, refletindo a proximidade com a vontade Divina, ao contrário da “esquerda”, que, em muitos contextos, simboliza uma posição de afastamento ou juízo.²

² Referências bibliográficas:

Bíblia Sagrada (Mateus 25:33-34, Salmo 110:1).

ELLIS, E. E. O Significado das Imagens e Símbolos Bíblicos. Editora Vida Nova, 1999.

Capítulo 2

Nem de Esquerda!

O que é a Esquerda na Política?

A Esquerda na política refere-se a um espectro ideológico que, de maneira geral, defende a mudança social, a igualdade econômica e social, a justiça distributiva e uma maior intervenção do Estado na economia. Os movimentos de esquerda geralmente buscam reduzir as desigualdades sociais, promovendo políticas que protejam os mais vulneráveis, como trabalhadores, minorias e pessoas em situação de pobreza.

Na prática, a Esquerda pode englobar uma série de posicionamentos, desde o socialismo até o progressismo, mas sempre com o objetivo comum de desafiar estruturas de poder tradicionais, promovendo uma sociedade mais inclusiva e com menos disparidades de renda e oportunidades.

O termo “Esquerda” tem sua origem na Revolução Francesa, no final do século XVIII. Durante as reuniões da Assembleia Nacional Constituinte, os deputados que defendiam mudanças radicais, como a igualdade de direitos e a abolição dos privilégios da nobreza, se sentavam à esquerda do presidente da Assembleia. Já os que defendiam a manutenção da monarquia e da hierarquia social tradicional se sentavam à direita. A partir dessa divisão, o termo

“Esquerda” passou a ser usado para descrever aqueles que favoreciam a reforma social e a redistribuição de poder e riquezas.

Um das características principais da Esquerda é a defesa dos direitos sociais. A Esquerda geralmente luta por direitos trabalhistas, acesso à educação e saúde públicas de qualidade, direitos das minorias, entre outros.

Outra característica é a igualdade econômica e social. As políticas de redistribuição de riqueza, como impostos progressivos e programas de bem-estar social, são comuns entre os grupos de esquerda.

A intervenção estatal é uma característica importante na Esquerda. A Esquerda tende a apoiar um papel ativo do Estado na economia, seja para regular os mercados, proteger os direitos dos trabalhadores ou financiar serviços públicos essenciais.

No chamado Progressismo é buscado por uma sociedade mais inclusiva e pela reforma de normas culturais e sociais que são vistas como opressivas.³

Algumas coisas defendidas pela Esquerda são, sim, preocupações que eu também compartilho — como a busca por melhores oportunidades para os pobres e a justiça social. Acredito que Deus se importa com os necessitados, e que como cristãos temos o dever de cuidar do próximo. A Bíblia fala muito sobre isso, como em

³ Referências bibliográficas:

BARKER, Colin. *Ideologias Políticas: Uma Introdução Crítica*. Editora XYZ, 2011.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX*. Companhia das Letras, 1995.

CASTRO, Luiz. *Política e Sociedade: O Padrão da Esquerda Contemporânea*. Editora ABC, 2007.

Provérbios 19:17, que diz: “Quem se compadece do pobre empresta ao Senhor, que lhe retribuirá o benefício”. Então, nesse sentido, reconheço que há pautas sociais na Esquerda que têm valor.

Por outro lado, tenho rejeitado boa parte da ideologia de Esquerda, especialmente no que diz respeito à forte intervenção do Estado na economia e na vida das pessoas. Ao meu ver, a Bíblia mostra que a principal função do governo é manter a justiça e proteger os cidadãos. Paulo fala em Romanos 13 que a autoridade é ministro de Deus para punir o mal e louvar o bem, e isso resume bem o papel do Estado: cuidar da justiça, garantir a ordem, proteger com forças armadas — e não se envolver em tudo. Acredito que, numa sociedade onde Deus é o Senhor, outras áreas como saúde, educação, obras públicas, economia e bem-estar social deveriam fluir da própria comunidade, através da generosidade, do trabalho digno e da responsabilidade individual.

Eu creio que uma nação justa nasce de corações transformados por Deus, não de sistemas políticos. Como está em Salmo 33:12: “Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor”. Então, para mim, confiar demais no Estado é, de certa forma, tirar os olhos de Deus. A mudança que queremos não virá por um partido, mas por um povo que vive segundo os princípios do Reino.

E como a Bíblia mesmo ensina que pelos frutos se conhece a árvore, é justamente por isso que tenho sérias ressalvas quanto à Esquerda — por causa de suas pautas que, a meu ver, batem de frente com os princípios cristãos. Não é só uma questão de opinião política, mas de fé e valores.

Vejo, por exemplo, a promoção da ideologia de gênero como uma tentativa clara de desconstruir a identidade biológica de homem e mulher, o que fere diretamente a visão bíblica da criação.

Outro ponto grave é a defesa da legalização do aborto, algo que, como cristão, não posso aceitar. Para mim, a vida começa na concepção, e defendê-la é um princípio inegociável.

Também me preocupa o relativismo moral promovido por muitos setores da Esquerda — como se não houvesse mais certo e errado, como se tudo fosse permitido, quando na verdade a Bíblia nos dá parâmetros claros de conduta.

Além disso, não é raro ver tentativas de silenciar ou marginalizar a Fé Cristã em nome de um falso conceito de laicidade, como se a presença de símbolos cristãos em espaços públicos fosse uma ameaça, e não parte da nossa história e identidade.

Por fim, percebo uma constante tentativa de enfraquecer o modelo de família tradicional — pai, mãe e filhos — como se fosse apenas mais uma entre tantas outras opções, quando, na verdade, esse modelo é uma instituição divina.

Essas são algumas das razões pelas quais, sim, critico a Esquerda. Não por partidarismo cego, mas porque enxergo ali muitos frutos que não combinam com a fé que professo.

O que é a Esquerda na Bíblia?

Quando a gente fala de “Esquerda” hoje, a maioria pensa logo em política. E, alguns dizem, que a Esquerda perde até mesmo na Bíblia. O que a Bíblia diz sobre o lado esquerdo é de forma simbólica, espiritual e, às vezes, até prática.

Primeiro, vale lembrar que a palavra “esquerda” na Bíblia, em algumas passagens, está relacionada a advertências. Por exemplo, em Eclesiastes 10.2 está escrito:

“O coração do sábio se inclina para a direita, mas o do tolo para a esquerda”.

Aqui, o texto usa uma linguagem simbólica, e parece associar a direita à sabedoria e a esquerda à tolice. Isso é forte. A Bíblia, muitas vezes, usa a direita como símbolo de honra, autoridade e justiça. Cristo, por exemplo, está assentado à direita do Pai — posição de glória. Isso é citado várias vezes, como em Hebreus 1:3.

Mas aí eu pergunto: se Cristo está à direita do Pai, onde está o Pai em relação ao Filho? Está à esquerda. E será que isso o diminui? Claro que não. O Pai é a fonte, a origem, o trono eterno. E o Espírito Santo? Podemos dizer, com reverência, que está à esquerda de Cristo, pois é Ele quem age em nós, preparando o caminho, aplicando a obra de Cristo, mesmo que com discrição. Portanto, à esquerda, em si, não pode ser considerada essencialmente ruim.

E mais: em Juízes 20:16, a Bíblia fala de 700 homens da tribo de Benjamim que “atiravam com a mão esquerda” e não erravam um fio de cabelo. Eles eram habilidosos, escolhidos, treinados. Isso mostra que Deus pode usar quem opera pela esquerda também — e usou mesmo! O problema não está no lado em si, mas no espírito que opera por trás dele.

Agora, é claro que quando falamos de Esquerda como sistema de pensamento, especialmente nas ideologias modernas, aí a conversa muda. Porque esse tipo de Esquerda — marxista, progressista, revolucionária — tem, sim, promovido ideias contrárias à Palavra de Deus que vimos acima.

Mas não caio na armadilha de achar que o “lado esquerdo” ou direito na Bíblia seja sinônimo automático do bem e do mal. Deus é soberano sobre todos os lados. Ele pode levantar guerreiros da mão

esquerda, e Ele mesmo está presente, com glória e poder, à esquerda do Filho e do Espírito.

Capítulo 3

Nem de Centro!

O que é o Centro na Política?

O Centro na política é aquela posição que tenta equilibrar as ideias da Direita e da Esquerda. Não se trata de ficar em cima do muro, como muitos pensam, mas de buscar um caminho mais moderado, mais realista, mais pé no chão. O centrismo não é movido por ideologia extrema, mas por um certo pragmatismo: o que funciona, o que é justo, o que traz equilíbrio para a sociedade. Quem está no Centro pode, por exemplo, defender a liberdade econômica que muitos associam à Direita, mas ao mesmo tempo acreditar na importância de programas sociais que normalmente são ligados à Esquerda. O Centro, nesse sentido, tenta unir o melhor dos dois lados.

Esse termo “centro” surgiu no contexto da Revolução Francesa, quando os deputados da Assembleia Nacional eram divididos conforme sua posição física no salão: os da direita apoiavam a monarquia, os da esquerda defendiam reformas mais radicais, e os que se sentavam no meio — literalmente no centro do salão — eram os que tinham posições mais moderadas, nem tão conservadoras, nem tão revolucionárias. Com o tempo, essa divisão espacial virou uma forma de descrever posições políticas até hoje.

Claro, muita gente olha pro Centro com desconfiança, dizendo que ele é fraco, que falta coragem, que é só uma forma de não se comprometer com nada. Mas eu entendo o Centro como uma tentativa de manter o diálogo aberto, de construir pontes, de encontrar soluções que façam sentido, mesmo que não agradem cem por cento nenhum dos lados. É verdade que às vezes o Centro pode cair na armadilha de não ter posição firme, e isso é um perigo. Mas quando ele é bem fundamentado, pode ser uma força importante para evitar os extremos que só dividem e inflamam ainda mais os conflitos.⁴

O que é o Centro na Bíblia?

Quando penso sobre o que significa o “Centro” na Bíblia, não consigo enxergar isso como algo neutro, virtuoso ou equilibrado, como muitos tentam pintar. A ideia de “estar no centro”, biblicamente falando, soa muito mais como alguém em cima do muro — indeciso, dividido, morno. E a Bíblia nunca elogia esse tipo de postura.

⁴ Bibliografia e leituras complementares:

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1995.

LIPSET, Seymour Martin. *Political Man: The Social Bases of Politics*. Garden City, NY: Doubleday, 1960.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. London: Verso, 1985.

FUKUYAMA, Francis. *Political Order and Political Decay*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2014.

DUVERGER, Maurice. **Os Partidos Políticos**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

GAUCHET, Marcel. *A Revolução Francesa na História*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

A mornidão é exatamente isso: nem frio, nem quente. Em Apocalipse 3:15-16, Jesus diz à igreja de Laodiceia:

“Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca”.

Isso é duro. E é claro: Jesus não tolera essa neutralidade espiritual. Então como poderíamos imaginar que um “centro” morno, politicamente ou espiritualmente, seja uma posição nobre?

Além disso, Jesus foi muito claro ao dizer:

“Quem não é por mim é contra mim”.

- Mateus 12:30

Não tem espaço para o “meio do caminho” quando o assunto é o Reino de Deus. Não existe neutralidade. Ou se está com Cristo, ou se está contra. O Centro, nesse sentido, é uma ilusão confortável pra quem quer evitar o confronto da Verdade.

Lembro também do exemplo dos profetas e dos apóstolos: eles nunca se posicionaram como conciliadores entre o erro e a verdade. Eles não buscavam um “meio termo”. Pelo contrário, denunciavam o pecado, chamavam ao arrependimento, e apontavam para a justiça de Deus. Eles não estavam “no centro”, estavam firmemente do lado do Senhor — mesmo que isso significasse perseguição, prisão ou morte.

Portanto, pra mim, bíblicamente falando, o Centro é uma posição perigosa. É estar entre dois reinos, tentando agradar os dois, quando só um é verdadeiro. Ser do Centro, no sentido espiritual, é ser morno. E como o próprio Cristo disse, o morno será vomitado. Ou seja, não é uma posição segura. No fim das contas, é melhor assumir claramente de que lado estamos, e viver como tal.

Capítulo 4

Não Existe Neutralidade Partidária na Política?

É possível ser político no Brasil sem estar filiado a um partido? E, sendo bem direto, a resposta hoje é não. No nosso sistema político atual, se você quiser disputar uma eleição — seja para vereador, deputado, prefeito, o que for — você precisa estar dentro de um partido. Isso é exigência da própria legislação eleitoral. A Justiça Eleitoral não aceita candidatura avulsa. Então, se a pessoa quiser se lançar como candidato independente, sem se vincular a nenhuma sigla, simplesmente não pode.

É claro que isso levanta um monte de problemas. Porque, na prática, tem muita gente que gostaria de servir na política, fazer diferença, mas não se identifica com nenhum partido, ou então vê os partidos todos como corrompidos ou distantes dos valores cristãos, por exemplo. E aí a pessoa fica de mãos atadas. Quer entrar na política com coração limpo, mas percebe que vai ter que se “associar” a algo que talvez nem represente seus ideais. É frustrante.

Agora, há discussões e projetos tentando mudar isso. Já teve proposta de emenda constitucional tentando permitir candidaturas independentes, mas nunca avançou muito. Talvez porque os próprios partidos têm medo de perder poder e controle. Afinal, abrir espaço

para candidatos fora do sistema partidário seria uma revolução no modelo político que conhecemos hoje.

Mas, por enquanto, a realidade é essa: se quiser disputar cargo eletivo no Brasil, tem que estar num partido. E aí cabe a cada um discernir se dá pra entrar num partido com sabedoria, sem se corromper, usando isso apenas como meio legal para cumprir uma missão maior, ou se prefere ficar fora do processo eleitoral por entender que o custo moral ou espiritual é alto demais.

Então não, não é possível ser político — no sentido de se candidatar a um cargo — sem partido no Brasil. Não ainda. E isso diz muito sobre o quanto nosso sistema político ainda está preso a estruturas que muitas vezes dificultam a entrada de pessoas boas e comprometidas com o bem comum.

Meu Reino não é Deste Mundo: Cristãos Podem se Envolver com Política?

É lamentável que, toda vez que alguém defende o envolvimento dos cristãos com a política, os religiosos de plantão logo venham com aquela acusação batida:

“Ah, vocês querem implantar o Reino de Deus na Terra!”

Mas isso é simplesmente falso! Não se trata de fazer militância cristã nem de eleger candidatos só por serem cristãos, como se isso por si só fosse resolver os problemas da nação. O engajamento político do cristão não é uma tentativa de substituir a Volta de Cristo por uma utopia humana, mas sim de exercer influência justa, ética e coerente com a fé que professamos. O texto de Tiago 4:17 diz que “quem sabe que deve fazer o bem e não o faz, comete pecado” uma das formas de se fazer o bem para o próximo é através da política.

Não estou dizendo que todos os cristãos devem entrar na política. Isso é para quem tem vocação. Quem sente que tem essa vocação, esse chamado, pode e deve entrar na política sim.

Infelizmente, é em torno de uma caricatura distorcida sobre a política que surgem as desculpas mais covardes para que os cristãos se afastem da mesma — como se omissão fosse uma forma de santidade.

Um dos argumentos contra a entrada de cristãos na política é que Jesus não se envolveu com política. Sobre esse tema, as Testemunhas de Jeová que se gabam de serem neutras politicamente, dizem o seguinte:

“Seguimos o exemplo de Jesus, que se recusou a aceitar um cargo político. (João 6:15) Ele ensinou que seus discípulos não deveriam ‘fazer parte do mundo’ e deixou claro que eles não deveriam se envolver em assuntos políticos. — João 17:14, 16; 18:36; Marcos 12:13-17”.⁵

Esse argumento é tão falso que se for seguido fielmente, devemos lembrar que Jesus também não teve muitos bens materiais, nem se casou ou teve filhos, nem tirou férias e nem participou das coisas que frequentemente achamos normal.

Quando o texto de João 6:15 diz que os judeus “estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei” e, em seguida, Jesus “retirou-se novamente, sozinho, para o monte”; não quer dizer um não-envolvimento político por parte Dele. A grande questão é que os contemporâneos de Jesus, debaixo do jugo romano, acreditavam que o Messias seria político e iria libertá-los do poder de Roma. Eles não entenderam que o Reino de Deus pregado por Jesus

⁵ Por que as Testemunhas de Jeová são neutras em assuntos políticos? <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/perguntasfrequentes/neutralidade-politica/> Acessado dia 22 de Maio de 2021

vem por meio da regeneração, e não por revolução. Isto não significa que Jesus negasse aos seus servos a participação na política. Negar isto é negar a própria Bíblia, que está repleta de exemplos de pessoas políticas que foram servos fiéis de Deus, como Davi, Salomão e outros. Deve-se levar em consideração que o propósito da primeira Vinda do Senhor Jesus é uma missão específica de salvar o mundo (1ª Timóteo 1:15), não de implantar um reino terrestre nos mesmos moldes dos reinos deste mundo.

Outro argumento de que os cristãos não devem se envolver na política é que Jesus ensinou que seus discípulos não deveriam ‘fazer parte do mundo’. Neste argumento usa-se João 17:14, 16:

“Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou.

Eles não são do mundo, como também eu não sou”.

O versículo 15 é ignorado:

“Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal”.

Neste versículo é negada qualquer forma de escapismo deste mundo, seja através de um arrebatamento, morte ou mesmo o isolamento da sociedade em algum mosteiro. Os primeiros discípulos não pertenciam ao mundo, mas viviam e usufruíam dele e das leis do Estado, assim como nós. Eles foram chamados para ser sal da terra e luz do mundo onde quer que estejam envolvidos (Mateus 5:13-14). Isso inclui qualquer cargo público. O Senhor disse “que brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que vejam as vossas boas obras, e glorifique a seu Pai que está no céu” (Mateus 5:16). Se alguém estiver envolvido na política terá que proceder assim.

A Bíblia não diz para sairmos do mundo porque não somos “do mundo” (João 17:14). Nem mesmo “sair do meio dele e separar-nos” (2ª Coríntios 6:17). Pelo contrário, é dito que Jesus nos enviou “ao

mundo” (João 17:18). Quando o povo de Deus se desliga do mundo, isso nem sempre é sinal de santidade – às vezes, é evidência de que está debaixo de disciplina. Veja o que aconteceu com Israel: quando fizeram o que era errado aos olhos do Senhor, Ele permitiu que os midianitas os dominassem por sete anos. O peso da opressão foi tanto que os israelitas começaram a se esconder em cavernas e buracos nas montanhas. É nessa situação que encontramos Gideão, tentando salvar um pouco de trigo escondido num lagar, fugindo do inimigo (Juízes 6).

Estar afastado da sociedade – seja por vontade própria, como quem se isola num mosteiro ou numa montanha, ou por força das circunstâncias, como Gideão e também Davi quando se refugiou na caverna de Adulão (1 Samuel 22) – pode ser um sinal claro de que algo está errado. Esse tipo de afastamento nem sempre é espiritualidade; muitas vezes, é sinal de que o povo perdeu a batalha cultural, política ou espiritual, e agora vive acuado, escondido, numa espécie de exílio dentro do próprio mundo. Isso não é vitória. Isso é juízo.

Outro argumento contra os cristãos na política é que Jesus disse em João 18:36 que “o meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui”.

Quando Jesus disse isso, Ele estava deixando claro que Seu Reino não tem a mesma origem dos impérios terrenos. O Reino de Cristo vem do Alto, do Céu, não nasceu da política humana nem do poder militar, como os governos daqui. E para reforçar esse ponto, Ele ainda afirmou que, se fosse um Reino como os outros, os servos d’Ele até teriam lutado para impedir que Ele fosse entregue aos judeus. Ou seja: os métodos do Reino de Deus são completamente diferentes dos sistemas deste mundo.

Mas isso não significa que o Reino de Cristo seja irrelevante para o mundo. Muito pelo contrário! Foi justamente por isso que Ele nos ensinou a orar: “venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mateus 6:10). Esse Reino tem como missão transformar a realidade aqui na terra, e não apenas preparar pessoas para irem embora dela.

Jesus já começou a manifestar esse Reino durante Seu ministério terreno. Quando Ele expulsava demônios e curava os enfermos, aquilo já era a prova de que o Reino de Deus estava em ação entre nós (Lucas 11:20). E mesmo que esse Reino não possa ser localizado num mapa ou identificado por estruturas visíveis (Lucas 17:20-21), ele já está presente, crescendo e influenciando, a partir do coração das pessoas que se submetem ao governo de Cristo.

Agora, se o Reino já chegou, a parte da oração que ainda está se cumprindo é: “seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. E qual é essa vontade? Que o mundo inteiro creia em Jesus, o Filho de Deus (1ª João 3:23). É isso que Deus quer. Essa vontade já está sendo feita, mas ainda de forma parcial. Chegará o tempo em que a Terra inteira conhecerá o Senhor. O Salmo 22 nos mostra isso: os povos se lembrarão do Senhor, se voltarão para Ele, e as famílias das nações se curvarão diante do seu governo.

Vai chegar o dia em que as nações andarão à luz desse Reino (Apocalipse 21:24), e a influência da Casa do Senhor será tão grande que todos os povos correrão para ouvir sua Palavra (Isaías 2:2). Cristo mesmo julgará entre os povos e ensinará as nações a viver como Ele quer. Suas leis sairão de Sião, e sua Palavra de Jerusalém. A guerra vai deixar de existir, porque as armas serão transformadas em instrumentos de cultivo. O mundo vai ser corrigido por Jesus. (Isaías 2:3-4)

Esse é o futuro glorioso que nos aguarda. Um mundo redimido, governado por Cristo, onde Sua vontade será feita com perfeição, assim como já é feita no Céu.

Enquanto o Reino de Deus paralelamente aos reinos humanos cresce e transforma o mundo, o cristão na política, não está implantando o Reino de Deus na Terra. Isso ele já o faz em sua denominação religiosa ou fora dela através de pregações e discipulado das pessoas recém-convertidas ou não. Seja na sua vida pessoal, lazer, trabalho, o cristão está sempre ativo para dar um bom testemunho e falar do Evangelho. Na política, o cristão estará em um degrau a mais ao estar fazendo o bem que ele tem poder para fazer em relação ao próximo, seja aprovando e fazendo leis e denunciando o mal da nação. É justamente isso que as pessoas devem entender sobre a participação dos cristãos na política.

Cristãos que Atuam na Política podem Legislar Baseados na Bíblia?

Uma vez inserido na política e ocupando um cargo público — seja como vereador, deputado, prefeito ou presidente da República — o cristão inevitavelmente precisará legislar sobre diversos assuntos, inclusive sobre questões morais. Muitos dirão que ele não pode tomar a Bíblia como referência para criar leis. Mas há um ponto que raramente é lembrado: toda lei reflete a visão de mundo de alguém. Não existe neutralidade. Toda legislação nasce de uma fonte de autoridade — seja um sistema filosófico, uma ideologia ou uma cosmovisão particular.

Se os ímpios podem legislar inspirados por suas crenças e valores, por que aqueles que possuem a Verdade revelada por Deus não poderiam se basear na Bíblia? Não estou defendendo leis absurdas, fruto de más interpretações das Escrituras, mas reconhecendo que

toda lei carrega, no pano de fundo, uma visão de mundo. O curioso é que os descrentes têm plena liberdade para expressar a deles, enquanto nós, cristãos, muitas vezes sofremos censura, inclusive dentro das próprias igrejas.

A questão é simples: uma lei terá como fonte Deus e Sua Palavra ou virá de homens pecadores e falíveis. E, nesse ponto, surgem algumas perguntas inevitáveis:

Quais áreas da vida estão sob a autoridade legítima do magistrado civil?

Os homens devem ser governados pelas leis de Deus ou pelos caprichos de ditadores como Ramsés, Nero, Calígula, Hitler ou mesmo por um Supremo Tribunal Federal?

Somos propriedade do Estado ou homens livres em Deus?

É intrigante perceber que muitos cristãos consideram correto o povo hebreu deixar o jugo de Faraó para seguir as leis Divinas dadas por Moisés, mas não aceitam que nossa própria legislação seja influenciada pela Palavra de Deus. Alegam que o Estado deve ser “laico”, esquecendo que a batalha travada por Moisés contra o Faraó continua viva em nossos dias — apenas mudou de cenário e de personagens.

Sobre esse assunto, alguém escreveu:

“O que Moisés trouxe do Monte Sinai não eram as Dez Sugestões. São mandamentos. São, não eram. O brilho absoluto dos Dez Mandamentos é que eles codificam em um punhado de palavras de comportamento humano aceitáveis, não apenas para então ou agora, mas para sempre. A linguagem evolui. O poder muda de uma nação para outra. As mensagens são transmitidas na velocidade da luz. O homem apaga um fronteira após a outra. E

ainda assim nós e nosso comportamento e os mandamentos que governam esse comportamento permanecem os mesmos”.⁶

É um fato inegável: os Dez Mandamentos não são um conjunto de regras restritas aos cristãos — eles foram dados para toda a humanidade. A vida humana, em qualquer sociedade, não pode subsistir sem esses princípios. Em qualquer lugar do mundo, mandamentos como “não matarás” e “não roubarás” são reconhecidos como legítimos e indispensáveis quando incorporados à legislação de um país.

Toda pessoa, em qualquer tempo ou lugar, está sujeita à lei moral de Deus — seja em suas boas ações, seja em seus atos maus. Essa lei moral é parte integrante da própria estrutura do Universo criado por Deus, assim como a lei da gravidade é parte da ordem física.

Por mais que alguns tentem rejeitar a Lei de Deus como fonte de autoridade para a moralidade legislativa, não existe escapatória: toda legislação inevitavelmente refletirá uma moralidade — e, cedo ou tarde, esbarrará nos princípios estabelecidos pelo próprio Criador. Como bem observa o acadêmico constitucional Archie Jones:

“Todo sistema de governo existe para produzir ou fazer cumprir certas leis, e toda lei necessariamente envolve um conjunto de pressupostos morais. Toda moralidade - mesmo aquela que normalmente se supõe ser, ou apregoada como sendo, com base em uma base filosófica “irreligiosa” ou “anti-religiosa” - é, em última análise, religiosa em sua natureza, uma vez que se baseia em um conjunto de pressupostos pré-teóricos e suposições fundamentais sobre a natureza da realidade, sobre Deus, o homem e as coisas,

⁶ Ted Koppel, *The Last Word*, Commencement Address at Duke University, Durham, North Carolina (May 10, 1987). Quoted in Robert H. Bork, *The Tempting of America: The Political Seduction of the Law* (New York: The Free Press, 1989), 164. Apud Gary DeMar, *Myths, Lies and Half-Truths*, p. 55.

que são assumidas por uma fé (geralmente não reconhecida). Nesse sentido mais profundo, então, a questão para todo sistema legal não é se ele será baseado na “religião”, mas sim qual religião ou filosofia religiosa será seu fundamento?”⁷

Para encerrar este tópico, digo com convicção: um cristão que assume um cargo público não tem o direito — e nem a possibilidade — de ser neutro. Ele carregará consigo uma bandeira, queira ou não. Ou será guiado pela Lei de Deus, legislando com base na verdade eterna, ou acabará sendo instrumento do sistema perverso dos homens maus, que impõem suas ideologias e filosofias insensatas sobre o povo.

Se você é cristão e sente o chamado para entrar na política, entenda: isso não é apenas ocupar uma cadeira, é entrar em um campo de batalha. É lutar contra a corrupção, a injustiça e a mentira. É resistir ao mal, não com as armas deste mundo, mas com a coragem que vem do temor a Deus e do compromisso com a Sua Palavra.

Você estará ali para proteger vidas, preservar a justiça e buscar o bem da sua nação, do seu estado ou da sua cidade. Essa não é uma tarefa para covardes, mas para aqueles que creem que “o Senhor é a nossa justiça” e que todo governo deve se curvar diante d’Ele.

A neutralidade não é uma opção. No fim, ou você será luz que dissipa as trevas... ou parte da escuridão.

⁷ Archie P. Jones, “Christianity and the First Amendment: The Truth about the Religion Clauses of the Constitution,” (unpublished manuscript), 3. Apud Gary DeMar, *Myths, Lies and Half-Truths*, p. 57.

Ao se Candidatar para um Cargo Público Procure pelo Contraditório

Por fim, para concluir este capítulo, se você é cristão e deseja se filiar à política, precisa entender que, no Brasil, não existe candidatura sem partido. Isso significa que, inevitavelmente, você terá que escolher entre as opções disponíveis — seja na Direita, na Esquerda ou no Centro.

Nesse momento, é fundamental agir como os crentes bereanos (Atos 17:11), que examinavam tudo com atenção, buscando a verdade e confrontando as informações. O contraditório é essencial: ele faz o conhecimento avançar e lança luz sobre as trevas.

Analise cuidadosamente os partidos, suas propostas, princípios e histórico. Pergunte a si mesmo: “É aceitável, diante de Deus, me alinhar a este grupo?” Muitas vezes, a escolha será pelo menos pior, mas mesmo assim, deve ser feita com oração, discernimento e compromisso com a verdade.

Afinal, a sua filiação não será apenas política — ela será também um testemunho de fé. Pense nisso!

Capítulo 5

Somente o Reino de Deus!

Desde o início, o mundo tem seguido por caminhos marcados por diversas opiniões, filosofias, religiões, partidos e ideologias. A própria palavra “partido” já indica algo parcial, limitado. Depois da Queda de Adão e Eva no pecado, o ser humano passou a ter uma percepção fragmentada e imperfeita da verdade. Cada partido possui sua própria visão de mundo e afirma ter a solução para os problemas da humanidade.

No entanto, o Senhor Jesus declarou que devemos, antes de tudo, “buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça” (Mateus 6:33). O Reino de Deus não é um partido político, mas sim inteiro, completo. É a única base verdadeira e perfeita para julgar, analisar e promover o bem no mundo.

Tendo isso em mente, pretendo, neste capítulo, mostrar como o cristão que não quer levantar à bandeira da Direita, da Esquerda ou do Centro deve se portar diante daqueles que tentam rotulá-lo — e, ao mesmo tempo, como evitar cair na armadilha da neutralidade indevida.

Os Vários Partidos da Época de Jesus

Na época de Jesus também não faltavam “partidos” — uns mais políticos, outros mais religiosos, outros misturando as duas coisas. Cada um com sua visão de mundo, seu jeito de interpretar a verdade e a solução que acreditavam ser a certa para Israel.

Os Fariseus

Esses eram os “religiosos conservadores” da época. Amavam a Lei de Moisés, mas a cercaram de tantas regras humanas que se tornaram legalistas. Eles ensinavam que a salvação estava em obedecer a cada detalhe da Lei e das tradições. Acreditavam na ressurreição, em anjos e no Juízo Final. Tinham grande influência sobre o povo simples, mas, ao mesmo tempo, eram conhecidos por sua hipocrisia, como Jesus denunciou (Mateus 23).

Saduceus

Já os saduceus eram mais “liberais” no sentido religioso. Eram ricos, ligados à elite sacerdotal e ao templo. Não acreditavam na ressurreição, nem em anjos, nem em espíritos. Eram mais preocupados com o poder político e com manter a boa relação com Roma para não perderem seus privilégios.

Essenios

Esses viviam separados da sociedade. Eram uma espécie de “monásticos” do judaísmo, buscando pureza ritual e esperando a vinda do Messias. Moravam em comunidades isoladas no deserto, como em Qumran, e se dedicavam à cópia das Escrituras. Criam que

o mundo estava tão corrompido que o jeito era se afastar e esperar Deus agir.

Herodianos

Um grupo mais político, apoiadores da dinastia de Herodes. Eram pró-Roma e buscavam manter o domínio de Herodes e sua família sobre Israel. Não eram exatamente um grupo religioso, mas se aliavam aos fariseus quando lhes convinha, como aconteceu contra Jesus (Marcos 3:6).

Zelotes

Esses eram os “revolucionários” da época. Queriam libertar Israel do domínio romano à força. Não aceitavam pagar impostos a César e pregavam a luta armada. Barrabás, que foi solto no lugar de Jesus, provavelmente era ligado a esse grupo (Marcos 15:7).

Partidários de César

Esses eram judeus e gentios que apoiavam totalmente o império romano e a autoridade de César. Para eles, Roma era a força que garantia ordem, e a submissão ao imperador era a solução para manter a paz (mesmo que fosse uma paz imposta).

Pilatos

Não era exatamente um “partido”, mas como governador romano, representava o poder direto de Roma sobre a Judeia. Seu interesse era manter a ordem e evitar revoltas, mesmo que tivesse de condenar um inocente como Jesus para agradar a multidão.

Havia ainda outros grupos menores, mas todos eles tinham algo em comum: cada um defendia a sua própria “salvação” para Israel — seja pela religião, pela política, pela espada ou pelo isolamento. E todos estavam, de alguma forma, cegos para reconhecer que o verdadeiro Reino, completo e perfeito, estava ali diante deles, na Pessoa de Jesus Cristo.

Então, vem a pergunta...

Qual Era o Partido de Jesus?

Antes de responder, lembro-me de que certa vez vi um pastor famoso no YouTube dizendo que, quando alguém afirma não ser nem de Direita nem de Esquerda, na verdade é de Esquerda. Para ele, não existe como “ficar em cima do muro” ou manter neutralidade.

Mas então, pergunto ao referido pastor: diante de todos os partidos que mencionei no tópico anterior, se realmente não há como ser neutro, de qual partido Jesus era? Qual deles Ele apoiava?

Dá para perceber, lendo os Evangelhos, que Jesus não fazia parte de nenhum partido de Sua época. Ele não se alinhava com os fariseus, nem com os saduceus, nem com zelotes ou herodianos. O “partido” de Jesus — que, na verdade, não é partido, porque é inteiro — era unicamente o Reino de Deus.

Mesmo sem levantar a bandeira de nenhum grupo, é verdade que, olhando bem, vemos que Jesus tinha alguns pontos em comum com os fariseus. Eles criam na ressurreição, em anjos, na vida eterna e na autoridade das Escrituras (Atos 23:8; Mateus 22:31-32) — e nisso havia afinidade. Além disso, Jesus chegou a reconhecer que eles ensinavam corretamente quando se baseavam na Lei de Moisés:

“Na cadeira de Moisés se assentam os escribas e fariseus. Portanto, tudo o que vos disserem para fazer, fazei-o e guardai-o”.

- Mateus 23:2-3a

Mas Jesus também os confrontava duramente, denunciando sua hipocrisia, seu apego às tradições humanas e sua falta de misericórdia. Em Mateus 23, Ele os chama de “hipócritas” repetidas vezes, censurando-os por cuidarem do dízimo de pequenas ervas, mas negligenciarem “o mais importante da lei: a justiça, a misericórdia e a fé” (Mateus 23:23). Ele também os repreende por colocarem fardos pesados sobre as pessoas (Mateus 23:4) e por buscarem reconhecimento público (Mateus 23:5-7).

Ou seja, Jesus não “era” fariseu, mas concordava com eles quando estavam certos e os repreendia quando estavam errados. Ele elogiava, por exemplo, o zelo pela Lei (Mateus 5:17-18), mas criticava o fato de cumprirem a letra sem o espírito da Lei (Mateus 9:13; 12:7). Isso mostra que o Reino de Deus não se encaixa em nenhuma ideologia humana — e que a nossa postura deve ser a mesma: não vestir a camisa de nenhum partido, mas defender a Verdade do Reino, elogiando quando for certo e confrontando quando for errado.

Se a gente for parar para pensar, tirando os fariseus, Jesus teve pouquíssima afinidade com os outros principais grupos religiosos e políticos do seu tempo. Os saduceus, por exemplo, eram mais ligados à elite sacerdotal e tinham uma visão mais racionalista da fé, negando até mesmo a ressurreição, algo que era central no ensinamento de Jesus. Já os herodianos estavam muito mais envolvidos com a política e o poder de Roma — o que vai totalmente contra o que Jesus pregava sobre o Reino de Deus.

Os zelotes, apesar de lutarem por liberdade, defendiam a violência como meio de libertação, o que também vai na contramão da proposta pacífica de Jesus. E os essênios, apesar de terem uma vida bem regrada e voltada para pureza, viviam isolados da sociedade, o

que Jesus claramente não fazia — pelo contrário, ele estava no meio do povo o tempo todo, especialmente dos marginalizados.

No fim das contas, por mais que Jesus também tivesse críticas bem duras aos fariseus (e foram muitas), eles ainda eram os que mais tinham pontos em comum com Ele. Como já vimos acima, ambos valorizavam as Escrituras, criam na ressurreição, no Juízo Final, nos anjos, e tinham uma vida religiosa mais ativa no meio do povo. Então, de certa forma, os fariseus eram os que mais se aproximavam do pensamento de Jesus, apesar das divergências — especialmente no que diz respeito à hipocrisia e ao legalismo que ele tanto denunciou neles.

Conclusão

Minha Posição Pessoal

Tudo o que escrevi neste e-book é fruto de muitos anos de experiências, pesquisas e estudos das Escrituras Sagradas. Tendo o Senhor Jesus Cristo como modelo, e enxergando o pecado presente nas diversas ideologias e partidos humanos, cheguei à conclusão de que não devo ser partidário nem da Direita, nem da Esquerda, nem do Centro. Meu “inteiro” — não partido — é o Reino de Deus.

Creio que, por meio da pregação e do discipulado, tenho conduzido e ensinado milhares de pessoas, ensinando todo o conselho de Deus (Atos 20:27). Todo o meu trabalho e minha batalha pela fé são apenas mais um tijolo na construção de um mundo que, antes do retorno de Cristo, se tornará totalmente cristão. O mundo não precisa piorar para que Jesus volte; pelo contrário, ele deve melhorar, pois “convém que o céu o contenha até a restauração de tudo” (Atos 3:20-21).

Seguindo o exemplo de Jesus — que não levantava uma bandeira partidária específica —, percebo que Ele tinha muito mais afinidade com os fariseus e bem menos com os outros grupos de sua época, como os saduceus, herodianos, zelotes e essênios. De forma semelhante, hoje percebo que tenho mais pontos em comum com as pautas da Direita, rejeito a maior parte das propostas da Esquerda e não encontro praticamente nenhuma afinidade com o chamado Centro. Politicamente, é assim que penso.

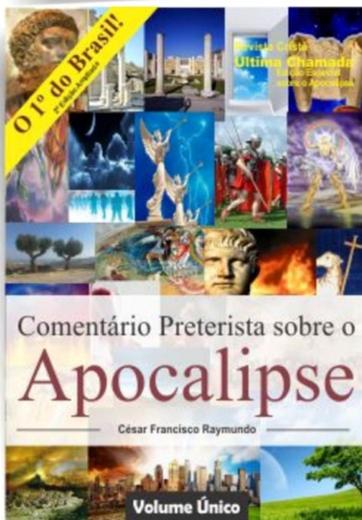
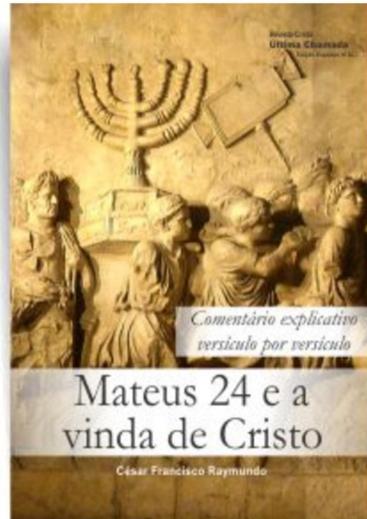
O eleitor cristão deve votar em candidatos que estejam mais alinhados com valores que considera corretos à luz da Palavra. No entanto, não precisa ser partidário de nenhuma posição, lembrando que há posições que vão contra a Fé Cristã. Mesmo tendo mais afinidades com um lado, devemos criticar severamente muitas das posturas erradas e rejeitar tudo o que estiver em desacordo com as Escrituras. É triste dizer, mas, na prática, quase todas as pautas da Esquerda são anticristãs — e isso está muito claro para mim. Quanto ao Centro, não vejo nele grandes contribuições ou coerência. Mas os cristãos de Direita fizeram de Israel um ídolo - o que critico duramente e contesto mediante a Palavra de Deus.

Resumindo: minha militância diária é pelo Reino de Deus, buscando transformar corações para que o Evangelho penetre em todas as áreas da vida, inclusive na política. Como cidadão, tenho o poder de votar — algo que muitos não tiveram no passado — e, agindo segundo minha consciência, prefiro votar em candidatos da Direita. Mas nunca sairei por aí gritando que “sou de Direita”; apenas estou escolhendo o que considero o menos pior. E, se em algum momento eu entender que não devo votar em ninguém, também tenho essa liberdade em Cristo!

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança
Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista cristã
última chamada

Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?